

## A LÍNGUA *HEPTAPOD*: UMA LEITURA DISCURSIVA DO FILME “A CHEGADA”

Felipe Gonçalves Carneiro<sup>1</sup>, Luis Miguel Costa Martins<sup>2</sup>, Pedro Henrique Bandeira Morais<sup>3</sup>, Wallace Raphael Moura Rodrigues<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (UFT) – IFTO. e-mail: <felipe.carneiro@ifto.edu.br>

<sup>2</sup>Discente do curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: <luis.ppt@gmail.com>

<sup>3</sup>Discente do curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: <pedrohenriquebandeiramorais@gmail.com>

<sup>4</sup>Discente do curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: <wallaceraphael25@gmail.com>

**Resumo:** Propomo-nos, com este trabalho, fazer uma leitura discursiva do filme “A Chegada” (*Arrival*) e problematizar algumas questões teóricas referentes à linguagem. Para atingir os fins a que nos propomos, em nosso mo(vi)mento de interpretação, mobilizamos teorizações de Ferdinand de Saussure, de Michel Pêcheux e de Émile Benveniste. O texto cinematográfico lançado em 2016, sob direção de Denis Villeneuve, relata a chegada de alienígenas em nosso planeta. A linguista Dra. Louise Banks (Amy Adams) é recrutada por militares para estabelecer uma comunicação com os recém-chegados, e seu objetivo é responder à seguinte questão: “Qual é o seu propósito na Terra?”. Nesta conjuntura, seu árduo trabalho é compreender o sistema linguístico dos *heptapods*. Em nossas considerações analíticas, pudemos elencar algumas propriedades do signo linguístico, como, por exemplo, a arbitrariedade do signo e o valor linguístico; assim como pudemos arrolar em nosso material de análise as noções de formação ideológica, de formação discursiva e de interdiscursividade. Acreditamos que levantar estas questões teóricas e fomentar estas discussões com respeito à linguagem, por mais que se trate de uma língua presente numa obra de ficção científica, poderá aportar, indubitavelmente, para o aprendizado dos estudantes e, assim, contribuir para uma visão crítica.

**Palavras-chave:** “A Chegada”, discurso, língua, linguagem.

### 1 INTRODUÇÃO

Encorajamo-nos a realizar a leitura discursiva do filme “A Chegada” com intuito de desenvolver a questão da metodologia de ensino em relação ao trabalho conceitual com a língua e com a linguagem nas aulas de língua portuguesa. Vemos que, em suas praticas discursivas, o(a) docente é levado(a) à uma abordagem considerada tradicional que investe, meramente, nas conceituações e nas exemplificações.

Assim, buscando apartar-nos de uma prática corriqueira e comum por parte de professores(as) na conceituação da língua e da linguagem, apresentamos o funcionamento simbólico do sistema linguístico apresentado no filme “A Chegada” que, neste trabalho, o tomamos como uma materialidade significativa.

Em nosso mo(vi)mento de interpretação, mostramos o contraponto de dois sistemas semióticos distintos. A nosso ver, consideramos relevante essa comparação, uma vez que, por esta metodologia, pudemos elencar e analisar as unidades e as diferenças no funcionamento do sistema linguístico da língua portuguesa e do sistema linguístico da língua *heptapod*. Contudo, não pretendemos, aqui, colocar nenhum grau de hierarquia nem escala de valor entre as línguas apresentadas.

Diante das motivações apresentadas, objetivamos com este trabalho fazer uma leitura discursiva do filme “A Chegada” e problematizar algumas questões teóricas no tocante à linguagem

(verbal e não verbal). Para tanto, a leitura da materialidade significativa está ancorada nas perspectivas teóricas de Ferdinand de Saussure, de Michel Pêcheux e de Émile Benveniste.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em nossa atividade de teorização, vamos alicerçar este trabalho, filiando-nos às contribuições teóricas de Ferdinand de Saussure (1916), Michel Pêcheux (1969;1975) e Émile Benveniste (1958;1970). Assim, abordaremos as considerações desses teóricos, elencando alguns princípios que subsidiam nossa proposta de leitura discursiva da materialidade significativa, que é o filme “A Chegada”.

Com respeito às proposições teóricas que nos encorajam a dialogar neste trabalho, temos que a linguagem é a maneira como nós temos acesso ao mundo, a nossa realidade. Nas palavras de Benveniste (2005[1958], p. 286), temos a seguinte proposição: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser”. Logo, na concepção deste autor, o mundo está configurado na e pela linguagem, onde nos constituímos e constituímos o outro, isto é, interagimo-nos, comunicamo-nos, organizamo-nos socialmente, vemos o mundo pela ótica da linguagem. Desta forma, estudar o seu funcionamento torna-se imprescindível.

Apresentamos, a seguir, um trecho da obra *Problemas de Linguística Geral I*, de Benveniste (2005[1958], p. 285), que reitera as questões relevantes que acabamos de citar, a saber:

A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclinamo-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria pela linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 2005[1958], p. 285).

Seguindo com os nossos apontamentos acerca da linguagem, evocamos Saussure (2006[1916]). Esse autor, em sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral*, define o objeto de estudo da Linguística e apresenta-nos a distinção entre língua e linguagem. Além do mais, nesta obra, discorre sobre questões que nos interessam e que tocam em nossa discussão e em nossa análise, como, por exemplo, a arbitrariedade do signo linguístico, as concepções de valor sistêmico e o sistema de escrita.

Para Saussure (2006[1916]), a linguagem possui um lado individual e um social, indissociáveis. Diferentemente da linguagem, a língua é possuidora de um sistema de classificação

(ordenação). Também, caracteriza-se como sendo uma instituição social, em que seu funcionamento é estabelecido e é mantido em comum acordo no âmbito de uma comunidade linguística. Vejamos como Saussure (2006[1916], p.17) nos esclarece essa temática, a saber:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu modo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação.

Dando prosseguimento à nossa alusão à língua na perspectiva saussuriana, esta é conceituada como um sistema de signos linguísticos, sendo estes inumeráveis. E o signo linguístico é apresentado por sua forma e sentido, isto é, respectivamente, formado por uma imagem acústica e uma imagem conceitual, sendo que ambas se encerram no psíquico do falante da linguagem verbal.

A natureza do signo linguístico é arbitrária, pois não há nenhuma motivação concreta para que se designe uma ideia. Em termos originais, “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 2006[1916], p. 83)”. Podemos materializar esta característica com o fato de que há línguas distintas, usando signos dissemelhantes para atribuir a um mesmo conceito, por exemplo, os signos cadeira (português), *chair* (inglês) e *silla* (espanhol).

Em harmonia com a questão da arbitrariedade, não podemos limitar o signo linguístico a uma mera nomenclatura, a uma etiqueta. Considerando o signo linguístico no sistema de uma língua e esta inserida em uma sociedade, atribuímos-lhe um valor linguístico. De acordo com Saussure (2006[1916], p. 134), temos que “seu conteúdo só é verdadeiro determinado pelo concurso do que existe fora dela [a palavra]. Fazendo parte de um sistema, está revestida [a palavra] não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente”.

Após os nossos assentamentos na esteira teórica de Saussure (2006[1916]), convocamos a Análise de Discurso francesa (doravante, AD) para compor nosso referencial teórico. A AD é uma linha teórico-metodológica desenvolvida pelo filósofo Michel Pêcheux, na França nos anos de 1960; sendo constituída por três fases (AD-1: 1969, AD-2: 1975, AD-3: 1983). Acionamos esta teoria, porque Pêcheux considera a linguagem como equívoca e não transparente. Por conseguinte, analisa-se um material simbólico, considerando-o em sua materialidade histórica e ideológica, sendo possível

conceber não um único sentido (univocidade), mas, sim, vários efeitos de sentido. Neste entendimento, rompemos com a concepção de literalidade da linguagem, pois há uma exterioridade que lhe é constitutiva.

Michel Pêcheux (2014[1975]) ancorou-se em três balizas teóricas para fundar a AD francesa, que são estas: a linguística, o marxismo e a psicanálise. Entretanto, essas três áreas de conhecimento não são abordadas isoladamente, mas, sim, em conjunto, formando uma disciplina de entremeio, perpassando por estes três eixos mencionados. Observemos o seguinte trecho da elaboração de Pêcheux, em 1975:

(...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 146).

Partindo das contribuições teóricas pecheuxtianas, temos que “a língua constitui o lugar material onde se realizam estes [os] efeitos de sentido (PECHEUX, 2014[1969], p. 171)”. E baseando-se nos conceitos provenientes do marxismo, Pêcheux (2014[1969]) nos elucida acerca do assujeitamento, processo em que o indivíduo é interpelado por uma ideologia e, assim, este se constitui como sujeito. Assim, observamos que “esta lei [interpelação] constitutiva da ideologia nunca se realiza ‘em geral’, mas sempre através de um conjunto complexo determinado de formações ideológicas que desempenham no interior deste conjunto (PECHEUX, 2014[1969], p. 164)”. Eis que temos:

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção. Esta reprodução contínua das relações de classe é (...) assegurada materialmente pela existência de realidade complexas designadas por Althusser como “aparelhos ideológicos do Estado” (grifos do autor) (PECHEUX, 2014[1969], p. 162).

Nesta elaboração, as formações ideológicas que constituem os sujeitos possuem em sua composição uma ou várias formações discursivas. Assim, vemos que há algo que é exterior e anterior (interdiscurso); por conseguinte, consideramos inconcebível atribuir ao material simbólico um único sentido. Apesar de as formações discursivas e as formações ideológicas constituírem os sujeitos, eles não são a origem do dizer. Na faceta psicanalítica da AD, Pêcheux filia-se aos conceitos freudolacanianos que aborda a noção do sujeito clivado ideologicamente e que atua inconscientemente; neste

processo, há o esquecimento ideológico e o enunciativo (esquecimento nº 1 e esquecimento nº2, respectivamente). Vemos, na obra de Pêcheux (2016[1969]), que

esta zona nº 2 [esquecimento], que é a dos processos de enunciação, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/consciente. Por oposição, o esquecimento nº 1 é inacessível ao sujeito, precisamente por esta razão, aparece como constitutivo da subjetividade na língua. Desta maneira, pode-se adiantar que este recalque (...) é de natureza inconsciente, no sentido em que a ideologia é constitutivamente inconsciente dela mesma (grifos do autor) (PÊCHEUX, 2006[1969], p. 176).

Agora, vamos mobilizar alguns conceitos desenvolvidos por Benveniste (1958;1970). Para tanto, recorreremos a seus textos *Da subjetividade da linguagem* (1958) e *O aparelho formal da enunciação* (1970). Na Teoria da Enunciação, proposta por Benveniste, o locutor se propõe como sujeito (subjetividade) e, por meio de um ato individual, converte a língua em discurso. Temos que, durante a realização deste ato individual, em que há a conversão da língua, o locutor (eu) enuncia, direcionando-se ao outro (tu); nesta alocação, engendra-se a classe de “indivíduos linguísticos” (pessoa). De acordo com Benveniste (2005, p. 286[1958]), temos:

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática.

No tocante às questões da Teoria da Enunciação, vimos que a língua é colocada em funcionamento por um *eu*, direcionado a um *tu* (categoria de pessoa) que fogem e não se limitam à questão lexical. Configuramos, aqui, o (inter)locutor como sujeito em sua (inter)subjetividade. Segundo Benveniste (2005[1958], p. 289), “a linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão”.

Também, conforme as teorizações de Benveniste (2005[1958]), além da categoria *pessoa* (*eu-tu*), encontra-se na língua a categoria *tempo*, categorias elementares na enunciação que marcam a experiência humana e que estão inscritas pela subjetividade. Apresentamos, a seguir, um excerto a respeito da noção de tempo. Vejamos:

É fácil ver que o domínio da subjetividade se amplia ainda e deve chamar a si a expressão da temporalidade. Seja qual for o tipo de língua, comprova-se em toda parte certa organização linguística da noção de tempo (BENVENISTE, 2005[1970], p. 289).

No momento da enunciação, instância discursiva, temos a marca temporal (temporalidade). O tempo faz-se presente, eis que “da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo” (BENVENISTE, 1989[1970], p. 85). Convém-nos citar que no artigo *Tempo e pessoa: categorias que singularizam no uso da língua*, as autoras Toldo & Valério (2016) relatam a respeito das noções de tempo, comentam da sua complexidade dentro dos pressupostos benvenistianos, e fazem a distinção de tempo físico, tempo crônico e tempo linguístico.

Apresentaremos, a seguir, no tópico subsequente, a metodologia deste trabalho e a caracterização da materialidade significativa, que é o filme “A Chegada”.

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção, explicaremos os procedimentos metodológicos e caminhos que tomamos para atingir os fins a que nos propomos.

Este trabalho, conforme mencionamos na sua introdução, almeja fazer uma leitura discursiva do filme “A Chegada” (*Arrival*) e problematizar algumas questões teóricas referentes à linguagem. Na materialidade significativa que analisaremos, encontramos um novo sistema de signos linguísticos (língua *heptapod*) que nos desperta interesse e motiva-nos a levantar várias questões acerca de suas características e seu funcionamento. Perguntamo-nos: este sistema linguístico *heptapod* possui propriedades e características de uma língua apresentada por Saussure? Podemos encontrar aí elementos como arbitrariedade do signo linguístico ou valor linguístico? Quais (possíveis) leituras podemos fazer de posse desse filme como materialidade significativa?

Em um primeiro momento, sempre atendendo aos objetivos de nosso trabalho, fizemos uma leitura minuciosa do filme “A Chegada”, dando ênfase aos aspectos relacionados à linguagem, à língua *heptapod* e ao processo tradutório realizado pelas personagens. Em seguida, fizemos um levantamento teórico que sustente e alicerce nossa proposta, atendendo às questões que foram levantadas. Para tanto, adotamos alguns procedimentos, tais como: leituras e fichamentos de textos teóricos e artigos científicos. Assim, buscamos sustentar nossa leitura e análise mobilizando conceitos teóricos a partir das teorizações de Ferdinand Saussure, de Michel Pêcheux e de Émile Benveniste.

Neste ponto, vamos caracterizar o nosso material de análise e a motivação para a escolha deste. Nas aulas de língua portuguesa, o professor responsável pela disciplina abordou as questões teóricas a respeito da linguagem, em que tocou, brevemente, algumas características e propriedades da linguagem verbal (língua) e não verbal.

Estabeleceram-se debates e discussões com os discentes acerca da Linguística como ciência, falou-se sobre Ferdinand Saussure, a teoria do signo linguístico, a arbitrariedade do signo, o valor sistêmico e o valor social de uma língua, a percepção do mundo pela linguagem, etc. Também, abordaram-se questões de como são engendrados os processos de significação, os possíveis efeitos de sentido em uma materialidade discursiva. Neste momento, mobilizou-se a AD francesa preconizada por Michel Pêcheux, elencando temas como formações discursivas, formações ideológicas e interdiscursividade, interpelação do sujeito, etc.

Assim, com o objetivo de adensar essas questões teóricas levantadas em sala de aula, o docente propôs a leitura, a análise e a discussão do filme “A Chegada”. Após o mo(vi)mento de leitura de nosso material simbólico, elencamos alguns trechos e os analisamos mediante as correntes teóricas de Saussure, de Pêcheux e de Benveniste.

O nosso texto de análise, o filme “A Chegada”, foi lançado em 2016, cujo título original em inglês é *Arrival*. Trata-se de uma ficção científica, dirigida por Denis Villeneuve, e temos como elenco principal os atores Amy Adams (linguista Dra. Louise Banks), Jeremy Renner (físico Dr. Ian Donnelly) e Forest Whitaker (militar Weber).

Com relação à sinopse, temos que, após a chegada de naves alienígenas ao redor de todo o mundo, a linguista Dra. Louise Banks (Amy Adams), é recrutada pelos militares, que são comandados pelo coronel Weber (Forest Whitaker), para estabelecer uma comunicação com os recém-chegados e descobrir se os extraterrestres (*heptapodes*) vêm em paz ou conformam uma ameaça à humanidade. A partir de então, entra em atividade o complexo processo de tradução entre a língua humana e a língua dos alienígenas, a língua *heptapod*.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Neste tópico, vamos tecer nossas considerações analíticas referentes ao nosso material simbólico, a produção cinematográfica “A Chegada”. Conforme já mencionamos na seção anterior, elencamos alguns excertos do filme para levar a cabo nossa proposta de trabalho. Em seguida, os problematizamos e analisamos mediante as perspectivas teóricas que assumimos para sustentar a proposta de leitura discursiva dessa materialidade significante.

Nosso primeiro olhar está destinado ao processo tradutório e, a partir deste ponto, conjecturamos e refletimos acerca da linguagem dos alienígenas, apresentada no filme como *heptapods*. Esta obra cinematográfica de ficção científica possui a seguinte trama: a chegada de alienígenas ao planeta Terra que, devido a este fato, instala-se uma inquietude e um alvoroço na

população em geral. A personagem principal Dra. Louise Banks (Amy Adams), linguista e professora universitária, é recrutada por militares norte-americanos com o intuito de comunicar-se com os *heptapods* e tentar responder ao seguinte: “Qual é o seu propósito na Terra?”.

Considerando a língua como um sistema de signos linguísticos (SAUSSURE, 2006[1916]), notamos o difícil labor da linguista no filme em (tentar) realizar a tradução interlingual, em que consiste na interpretação de signos linguísticos de línguas distintas, isto é, parte-se de uma da língua-fonte/língua de origem e passa-se para outra língua, língua-meta ou língua-alvo.

Observamos que o processo tradutório torna-se complexo na medida em que consideramos que os signos não se limitam na propriedade designar uma ideia no mundo, há a noção de valor linguístico, que difere da questão da significação. Endossamos nossos apontamentos com as seguintes proposições de Saussure (2006[1916], p. 135), a saber: “o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa ‘sol’ se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; línguas em que é impossível dizer ‘sentar-se ao sol’”. Dessa forma, podemos exemplificar o tema do valor linguístico com respeito à tradução de expressões idiomáticas. Haveria o mesmo valor caso a tradução se restringisse a uma mera relação de signos (interlingual), desconsiderando o valor linguístico que cada cultura lhe atribui ao signo? Eis um ponto de reflexão e debate que pode ser suscitado em sala de aula.

Ainda com relação ao processo tradutório, convém-nos explicar que a presença dos extraterrestres foi registrada pelo surgimento de 12 (doze) conchas (naves), distribuídas em dozes localidades distintas do planeta. Realiza-se, então, no tocante ao processo tradutório, um trabalho internacional com linguistas de várias localidades, como uma cooperação internacional, sendo que algumas informações e trabalhos realizados são intercambiados. Contudo, na medida em que avança o filme, essa cooperação torna-se motivo de intrigas, acarretando certos conflitos.

A personagem Dra. Louise Banks, a coordenadora dos trabalhos de tradução na concha presente nos Estados Unidos, relata, quando foi abordada na universidade pelo militar responsável pela operação nos Estados Unidos, personagem coronel Weber, que necessitaria interagir com os *heptapods* para o desenvolvimento de seu trabalho. Em determinado momento de interação em que adentram à concha, a Dra. Banks realiza um gesto de polidez com o intuito de apresentar-se mais informalmente aos recém-chegados a Terra. Ela coloca a palma da mão na parede de vidro que os separa do contato com os *heptapods*, e surpreende-nos que ela é correspondida com o mesmo gesto e, demonstrando satisfação, a personagem diz: “Isso, sim, é uma devida apresentação”. Temos aí em funcionamento signos pertencentes à linguagem, que significam e dizem algo. Quais são as possíveis leituras que podemos fazer? Quais sentidos são engendrados a partir deste signo?

No âmbito dos sistemas semiológicos, a língua é o sistema mais completo e mais difundido sistema de expressão, capaz de falar dela mesma e de outros sistemas (BENVENISTE, 1989[1970], p. 50; SAUSSURE, 2006[1916], p. 82). Assim, inferimos que a interpretação do gesto de polidez realizado pode significar pacificidade e boa apresentação, levando em conta as considerações feitas pela personagem com a linguagem verbal (língua). Todavia, perguntamo-nos, essa linguagem não verbal, exemplificada com o gesto de polidez, seria válida caso fosse feita por um(a) tradutor(a) do oriente? Compartilham os *heptapods* da nossa mesma linguagem (gesto de polidez) presente no ocidente? Por que não foi utilizado outro gesto?

Agora, pretendemos analisar a estrutura da língua apresentada em nosso material simbólico. Não nos atrevemos a pormenorizar a estrutura do sistema de signos linguísticos dos *heptapods*, dado que não é nosso objetivo fazê-lo, uma vez que se trata de uma obra de ficção científica. Arrolamos alguns aspectos e, conforme mencionamos no início desta seção, problematizamo-os e analisamo-os na perspectiva de algumas balizas teóricas.

No filme, Dra. Banks justifica-se quanto ao uso de recurso visual em seu trabalho dizendo: “Eu nunca serei capaz de falar a língua deles, se é que estão falando. Mas, podem ter algum tipo de língua escrita ou base para a comunicação visual”. Nas cenas seguintes, os *heptapods* apresentam um sistema de língua escrita, o que nos motivou a algumas inquições.

Ferdinand de Saussure (2006[1916]) apresenta considerações com respeito ao sistema de escrita ideográfico, e que este não representa som. Em conformidade com o que a personagem enuncia no parágrafo anterior, o sistema de escrita *heptapod* não é um sistema fonético. Separamos outro trecho do filme que nos direciona no mesmo sentido, observemos: “O primeiro avanço foi descobrir que não há nenhuma correlação entre o que um *heptapod* diz e o que ele escreve. (...) Ela transmite significado. Ela não representa um som”. Contudo, apesar de a língua *heptapod* não representar o sistema fonético, sua escrita ideográfica possui signos (significado e significante) que mantêm o carácter de arbitrariedade.

Um fator que é marcante no filme é a não-linearidade da escrita *heptapod*. De acordo com Saussure (2006[1916]), além do princípio de arbitrariedade do signo no sistema linguístico que compartilhamos socialmente, há a questão da linearidade, pois “o significante (...) desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha”. Verificamos a noção de tempo presente em nossa língua. Essa noção está diretamente relacionada com as relações sintagmáticas e as relações associativas, dado que existe um determinado encadeamento nas combinações dos sintagmas

(SAUSSURE, 2006[1916]). E, como seria no ideograma dos *heptapods*? Como se estabeleceriam estas relações sintagmáticas?

Encontramos algumas respostas destes questionamentos na própria narração dessa obra fílmica. Explicam-nos que os *heptapods*, de acordo com o seu sistema linguístico (escrita não-linear), conseguem escrever uma frase complexa em poucos segundos e não estão presos ao tempo tal qual estamos linearmente. Podemos, também, relacionar estas questões com a teoria de Benveniste (2005[1958]) no tocante à subjetividade, considerando que, na língua, marca-se a noção de tempo.

O ideograma da escrita *heptapod* é cíclico. Por conseguinte, na escrita, reflete-se a maneira como estes usuários estabelecem a noção de tempo (não-linear). Assim, reiteramos com as ideias de Saussure (2006[1916], p. 29) em que afirma “os costumes de uma nação têm repercussão na língua, e por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a nação”. Estabelecemos, aqui, nação como uma comunidade linguística, e, no nosso caso, os falantes da língua *heptapod*. Vale mencionar que na medida em que a personagem Dra. Louise Banks imerge na língua, modifica-se, gradativamente, a sua noção de tempo, que passa de linear à não-linear, torna-se, de certa maneira, cíclico.

Neste mo(vi)mento de interpretação, vamos recorrer ao alicerce teórico da Análise de Discurso francesa formulada por Michel Pêcheux. Este autor concebe a linguagem na sua heterogeneidade, na sua opacidade e na sua não-transparência. Desta forma, saímos da literalidade de uma materialidade linguística e rumamos a fatores histórico-ideológicos que são constitutivos e se marcam na língua, que engendram vários efeitos de sentido.

Em nosso texto de análise, observamos que se inscreve uma formação discursiva militar. Conforme a AD francesa, essa formação discursiva que são componentes de formações ideológicas, reverbera nos processos discursivos de sujeitos interpelados. Citamos a interdiscursividade; há outros dizeres perpassando pelo dito, e há uma historicidade e uma ideologia constitutivas presentes nos enunciados das personagens. Assim, vemos algumas possibilidades de sentido, por exemplo, a rememoração do processo de colonização sofrido por alguns países na história da humanidade. Tal leitura é constante e marcante no filme, que inclusive gera o clímax da obra, pois muitos têm receio de que os *heptapods*, portadores de tecnologia avançada, subjuguem as nações do planeta.

No tocante à questão da arbitrariedade do signo linguístico, Saussure (2006[1916]) explica-nos que não há nenhuma motivação *a priori* para que um determinado significante represente uma ideia. Notamos essa mobilização teórica no filme e que, devido à discursividade militar inscrita, desencadeou-se alvoroço e tensão entre as personagens. A situação consistiu no fato de que a linguista Dra. Louise Banks perguntou aos *heptapods* o que se almejada há tempo, “Qual é o seu propósito na Terra?”, eis que a resposta foi “Oferecer arma.”. Imaginemos, então, a repercussão ocasionada no

ambiente militar. Perguntamo-nos: por que eles querem nos oferecer arma? Querem nos atacar? Querem algo em troca? A linguista intervém na discussão e esclarece a situação com o seguinte enunciado, a saber: “Não sabemos se eles entendem a diferença entre uma arma e uma ferramenta. Nossa língua, como nossa cultura, é confusa e, às vezes, são as duas coisas”. Vemos em jogo a noção do valor linguístico e da arbitrariedade do signo linguístico, assim como a equivocidade da linguagem mencionada por Pêcheux.

Encerramos nossas considerações analíticas acerca de nosso material de análise com alguns questionamentos. Caso sofrêssemos um processo de colonização, fôssemos subjugados pelos *heptapods* e houvesse uma política linguística de sobreposição do idioma do colonizador, como, por exemplo, o Império Romano com o latim em regiões da Europa e o caso das línguas autóctones da América, como seria sistema linguística no porvir? Mudaríamos nossa percepção de tempo tal qual ocorreu com a personagem da Dra. Louise Banks? Essa língua *heptapod* cambiaria nossa percepção de mundo? Lançamos aqui o questionamento de cunho filosófico proferido no final do filme pela personagem principal, quando ela se inteira da maneira cíclica (não-linear) de abstrair o tempo: “Se você pudesse ver toda a sua vida do início ao fim, mudaria as coisas?”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos nosso material de análise muito oportuno e pertinente para ser utilizado como apoio nas aulas de língua portuguesa. Vemos, atualmente, no ensino de língua portuguesa, que o(a) professor(a) se pauta em questões estritamente gramaticais para teorizar as questões da linguagem, priorizando apenas a “forma”. Em geral, o trabalho pedagógico com o *tempo* fica circunscrito ao estudo do verbo e dos advérbios de tempo. Valer-se de diferentes objetos simbólicos, como o que fizemos por meio da abordagem do filme em questão, pode possibilitar o trabalho com a complexidade da linguagem e o modo como tal complexidade se marca na língua. Por meio de contraponto, foi-nos possível mostrar o modo com o sistema linguístico do português e da língua *heptapod* funcionam, tendo como ponto de ancoragem o valor sistêmico e o valor social de suas unidades linguísticas.

Assim, a leitura discursiva do filme “A Chegada” permitiu-nos recolocar em outros termos a aula de língua portuguesa, tendo como fundamentos as teorizações de Saussure, de Benveniste e de Pêcheux. São teóricos que, cada um a seu modo e com interesses específicos, questionam o olhar de evidência com que muitos concebem e teorizam sobre a linguagem. Derivando das teorizações deles algumas implicações, podemos, também, questionar o olhar redutor com que muitos ensinam a língua. Não é possível reduzir esse ensino à forma da língua, esquecendo-se do sentido. Atrair forma e

sentido, como dimensões indissociáveis, requer que se mencionem os diferentes objetos simbólicos funcionando na sociedade em sua constituição, em sua formulação e em sua circulação.

O diálogo conceitual entre os diferentes aportes que mobilizamos, neste trabalho, está em função do fato de corroborarmos a complexidade da linguagem verbal e não verbal. O ensino de língua portuguesa ancorado nessa complexidade pode levar o aluno a compreender que a linguagem, em seu funcionamento, significa o mundo. Essa significação conta com diferentes materialidades significantes, sendo que a língua exerce uma função sócio-simbólica singular, pois ela é o interpretante de outros sistemas semióticos. Nessa medida, é preciso criar condições para que o aluno desenvolva a competência de relacionar, de analisar e de problematizar diferentes sistemas semióticos.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. (1958). **Da subjetividade da linguagem**. In: \_\_\_\_\_. Problemas de linguística geral I: tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 5ª edição – Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_ (1970). **O aparelho formal da enunciação**. In: \_\_\_\_\_. Problemas de linguística geral II: tradução Eduardo Guimarães – Campinas, SP: Pontes Editores, 1989.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** / Michel Pêcheux; tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

\_\_\_\_\_ (1969). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux** / Organizadores Françoise Gadet; Tony Hak; tradução Bethania S. Mariani... [et al.] – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand (1916). **Curso de linguística geral**. 27ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

TOLDO, C.; VALÉRIO, P. **Tempo e pessoa: categorias que singularizam no uso da língua**. ANTARES, vol. 8. Nº 15 – Jan/jun. 2016. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/4397>> Acesso em: 04 de agosto de 2018.